

## **CORAZONAR NA EDUCAÇÃO: HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS DE PROFESSORAS QUE ENSINAM COM ACOLHIMENTO**

Rosângela Aparecida Marquezi<sup>1</sup>  
Franciele Clara Peloso<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo pensar a educação sob o ponto de vista do *Corazonar*, perspectiva epistemológica que sugere que conhecer, aprender e apreender, não se dão apenas pelo intelecto, mas também pela relação entre subjetividade e objetividade. Dessa forma, buscamos analisar e evidenciar como essa perspectiva pode transformar a prática pedagógica, promovendo um ensino mais humanizado e acolhedor. Para isso, nosso referencial teórico-metodológico parte dos princípios dos estudos da decolonialidade, a partir do *Corazonar* (Guerrero Arias, 2010), e passa pelos princípios da educação libertadora de Paulo Freire (2023; 2024). Constatamos, ao final, que pensar e fazer a educação, tendo como sul o *Corazonar*, fortalece os vínculos entre educadores e educandos, promovendo uma educação mais libertadora, acolhedora e sensível, superando modelos tradicionais excludentes.

**Palavras-chave:** Decolonialidade, *Corazonar*, Educação, Acolhimento.

### **INTRODUÇÃO**

A práxis docente tem um papel que vai muito além de apenas transmitir conhecimentos. Para uma educação transformadora, acolher, escutar e estabelecer relações afetivas são movimentos que fundamentam uma outra prática possível, dialógica e sensível às singularidades de cada educanda/o. Quando estabelecemos esses movimentos, temos a intenção de trazer esse educando, essa educanda para perto de nós. Recebê-los/las com atenção, afinal, apesar das diferenças, carregamos algo em comum e que nos une: a nossa humanidade, nossa condição humana. O que nos propomos a iniciar neste texto é a discussão sobre como o ato de ensinar, quando imbricado ao **acolhimento**, à escuta ativa e à construção conjunta do conhecimento, consegue integrar objetividade e subjetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Interessante pontuarmos que a discussão que fazemos nasceu a partir de um convite da Secretaria de Educação e Cultura de Pato Branco – PR para que estabelecêssemos uma conversa com os/as professores/as da rede sobre o tema acolhimento, durante a Semana Pedagógica, ocorrida entre os dias 3 a 7 de fevereiro de 2025, com o objetivo de analisarmos e

<sup>1</sup> Doutoranda em Desenvolvimento Regional (UTFPR), professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco (UTFPR PB), [marquezi@utfpr.edu.br](mailto:marquezi@utfpr.edu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação (UFSCar); professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco (UTFPR PB), [clara@utfpr.edu.br](mailto:clara@utfpr.edu.br).



evidenciarmos, com esses/as profissionais, como a prática do acolhimento pode transformar a prática pedagógica, promovendo um ensino mais humanizado e acolhedor. Para essa conversa, optamos por nos basear em Freire (2023; 2024) para tentarmos identificar que aspectos podemos encontrar dentro do que, nessa fala com os professores e nessa discussão do artigo ora proposto, convencionamos denominar **acolhimento**, mais especificamente o acolhimento numa perspectiva pedagógica.

Nesse sentido, as reflexões que fizemos apontam que o acolhimento pedagógico fortalece os processos de ensino-aprendizagem ao criar um ambiente de segurança e confiança para os/as alunos/as. Além disso, as experiências narradas demonstram que práticas como a valorização da leitura, o estímulo à oralidade e o suporte personalizado aos/as estudantes contribuem significativamente para seu aprendizado. Assim, este trabalho reafirma a necessidade de se repensar a docência a partir de um paradigma que priorize a construção de vínculos e o reconhecimento das individualidades no espaço escolar. Afinal, o acolhimento não é um elemento periférico da educação, mas sim um princípio estruturante da prática pedagógica. Além disso, lembrar e valorizar professores/as que adotaram esse princípio não apenas ressignifica a trajetória de seus/suas alunos/as, mas também aponta caminhos para uma educação mais humana, sensível e transformadora.

## METODOLOGIA

Para dar conta dos objetivos desta pesquisa, optamos por uma metodologia ancorada nos princípios do *Corazonar*, que, segundo Guerrero Arias (2010, p. 416, tradução nossa), é “[...] mais comprometida com a vida”. O *Corazonar*, que se insere nos estudos da decolonialidade, propõe uma forma de pensar e sentir a partir do coração, reconhecendo a subjetividade e a interconexão entre os sujeitos envolvidos na prática educativa (Guerrero Arias, 2010). Assim, nossa reflexão também busca valorizar a dimensão afetiva, da subjetividade e não apenas da objetividade.

Desse modo, embasadas na concepção freiriana de que a educação deve ser um ato de amor e compromisso com o outro, fazemos reflexões a partir do que aqui denominamos narrativas-lembranças, ao contarmos alguns momentos de vivências que tivemos com algumas professoras do que hoje se denomina Ensino Fundamental I – Anos Iniciais. Para a construção da narrativa, adotamos a perspectiva da escrita de si, conforme definida por Gomes (2004), quando diz que essa abordagem permite que memórias sejam trabalhadas como espaços de



elaboração da experiência, em que o sujeito pode refletir sobre sua trajetória e sobre os modos como a educação influenciou sua formação. A escrita de si, além de uma ferramenta metodológica, também assume um papel de compartilhamento, tornando-se um meio de conexão entre as autoras e as memórias sobre suas professoras. Ainda nesse contexto, dialogamos com o que a escritora e ativista chicana Gloria E. Anzaldúa (2000, p. 234, grifo nosso) afirmava sobre a escrita: “[...] não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos, chamo isto de **escrita orgânica**”. A escrita orgânica nos permite construir um texto que não apenas relata, mas também performa as emoções, os afetos e as relações que marcaram a trajetória educacional das professoras evocadas nesta pesquisa.

Dessa forma, a metodologia deste trabalho busca articular memória, afeto e escrita como processos interligados, compreendendo que narrar as experiências vividas e as influências das professoras na formação dos seus educandos e educandas não é apenas um exercício de recordação, mas também um ato de resistência e reconhecimento do papel fundamental que essas educadoras desempenharam na constituição do sujeito e na construção de um modo de ver e fazer educação.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Na conversa que tivemos com os/as professores/as durante o evento da Semana Pedagógica realizada pela Secretaria de Educação do município de Pato Branco, intitulado *Educação – mãos que acolhem e educam*, e agora na discussão deste artigo, nos propusemos a fazer um exercício epistêmico, junto a teoria freiriana, procurando identificar que aspectos encontramos dentro do que convencionamos denominar acolhimento, mais especificamente sobre o acolhimento numa perspectiva pedagógica. Nesse sentido, com o respaldo de Freire (2023) afirmamos que ensinar é uma tarefa complexa, que exige um ofício (trabalho) e originalidade (formação) para sua execução.

Para Freire (2024), a tarefa dos/das profissionais da educação se constitui como uma tarefa ensinante e aprendente. Uma tarefa que exige seriedade, preparo científico, físico, emocional e afetivo. É uma tarefa que requer, de quem com ela se compromete, um compromisso de querer bem ao processo que a tarefa docente exige e, também, de querer bem a todas as pessoas participantes desse processo. A tarefa de ensinar exige amorosidade, criatividade, compromisso e competência científica.

Entendemos, assim, que a docência não pode ser concebida como um processo unicamente técnico e fechado em si mesmo, mas como um processo contínuo, objetivo,



complexo, rico de possibilidades e que requer unicidade dialógica entre teoria e prática. Nesse sentido, compreendemos que o acolhimento compõe o que chamamos de unicidade dialógica entre teoria e prática. A teoria freiriana, nesse aspecto, se sustenta a partir de elementos/conceitos que têm por objetivo promover experiências educativas inundadas de sentido e de significado.

Na sexta carta do seu livro *Professora, sim; tia, não*, Freire (2024) elenca qualidades que considera indispensáveis às educadoras e aos educadores. São elas: 1) **humildade**: nos ajuda no reconhecimento de quem ninguém sabe tudo, de que os saberes são diferentes; 2) **amorosidade**: está relacionada ao processo de ensinar e tudo o que faz parte dele; 3) **coragem**: qualidade partejada no exercício de controle do medo que paralisa, qualidade que, ao lado da coragem de amar, nos eleva a consciência para oportunizar e experienciar relações igualitárias; 4) **tolerância**: virtude que nos ensina a conviver aprender e respeitar o diferente; 5) **decisão**: é o exercício de avaliar, com todas as implicações, para podermos optar e romper com aspectos incoerentes da práxis escolhida; 6) **segurança**: qualidade que demanda competência científica, clareza política e integridade ética, relaciona-se com a decisão, uma vez que para optarmos precisamos ter segurança para argumentarmos sobre a escolha realizada; 7) **tensão entre paciência e impaciência**: qualidade definida como processo de espera ansiosa, que não imobiliza e busca pela justiça e pela construção de outro projeto social; e 8) **alegria de viver**: escolha de compromisso radical com a vida.

Segundo Freire (2024), a profissão docente é desafiadora e exige vigilância constante em relação as qualidades necessárias para sua execução. Nesse sentido, afirma que:

A escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente se diz *sim* a vida. E não a escola que emudece e me emudece (Freire, 2024, p. 132, grifos do autor).

A prática educativa é realizada em um espaço concreto e a partir da coerência entre teoria e prática (Freire, 2024). Sob essa perspectiva, é preciso propor situações concretas aos educandos para que tenham a oportunidade de se manifestar objetivando a aprendizagem e sobretudo, tomar consciência do mundo vivido, com responsabilidade ética. A formação de caráter ético tem como principal objetivo, em nosso entendimento, o desenvolvimento integral de todas as pessoas envolvidas ou não no processo educativo ou educacional. Não é possível que o “ser” se assuma como sujeito histórico, agente atuante e transformador da história se antes não se perceber como sujeito ético.



Nas palavras de Freire (2023, p. 20), isso quer dizer que “[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano ser tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros”. É a condição de sujeito ético que faz com que a presença reconheça a outra presença como “não-eu” e então se reconheça como “si própria”. Presença que consegue pensar sobre si mesma e que, sabendo-se presença, intervém na realidade e a transforma. Compreendemos, assim, que o acolhimento como princípio pedagógico abraça as premissas da humanização, afinal, ser professor/professora envolve a consciência da nossa condição em ação. Ser professor/professora é uma condição que, permeada por nossa responsabilidade ética, política, profissional, nos prepara para a ação ensinante (Freire, 2024).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das nossas falas feitas no evento que participamos, intitulada *Minhas professoras não são apenas lembranças, são exemplos*, teve o objetivo de reconhecer a importância das educadoras que nos formaram e refletir sobre como, enquanto docentes, continuamos esse legado. Para isso, recorremos à lembrança de quatro professoras do Ensino Fundamental I, que aqui mencionamos apenas pelo primeiro nome, exemplificando atitudes/ações que poderiam se referir a qualquer outra professora. Entendemos que, como educadores/as somos essenciais e ocupamos um lugar especial no coração daqueles que passaram por nós nos bancos escolares.

Essas lembranças são trazidas aqui a partir da perspectiva do *Corazonar* (do espanhol, que alia *Corazon*/Coração e *Razon*/Razão), teorizada pelo equatoriano Patricio Guerrero Arias (2010). Ela se origina do povo Kitu Kara, que propõe o *Corazonar* como uma metodologia de vida, entendendo que não há como separar a razão do “coração”, pois o ato de conhecer pressupõe um saber em inteireza, que não inferioriza ou deixa de lado outras formas de existir, sentir, pensar, agir e construir a vida (Guerrero Arias, 2010). Pensando na educação, vemos o *Corazonar* como espaço de acolhimento e transformação, um lugar onde os/as professores/professoras não apenas ensinam conteúdos, mas formam seres humanos em inteireza. Nesse sentido, essas professoras que ora são lembradas, não apenas transmitiram conteúdos, mas trouxeram a experiência e a alegria da vida para dentro da sala de aula, valorizando histórias e saberes. Eis algumas dessas histórias e saberes:

### Professora Adiles



Iniciamos com a lembrança da Professora Adiles, da quarta série primária (hoje, 4º ano do Fundamental I – Anos Iniciais), e seu importante papel ao tornar a leitura uma parte essencial de suas aulas. Ela realizava uma atividade de leitura compartilhada ao final de cada aula, estimulando seus alunos e suas alunas a adotarem o hábito da leitura. A cada final de aula, ela posicionava algumas carteiras na frente e convidava seus pupilos e pupilas a lerem em voz alta a história da semana. Hoje, refletindo sobre essa prática, reconhecemos que ela criava um ambiente de aprendizado colaborativo e envolvente, que conectava esses/essas aprendentes com obras literárias, alterando significativamente a relação deles/as com a leitura e a forma como olham, hoje, os livros e o mundo.

Essa forma de introduzir seus alunos e alunas ao mundo da literatura foi determinante, para muitos, na forma de ler o mundo, afinal, como destaca Antonio Candido (2004), a literatura desempenha uma função humanizadora, contribuindo para a formação de indivíduos mais compreensivos e abertos ao outro. Entendemos, hoje, que práticas como as que a Professora Adiles promovia desenvolvem habilidades fundamentais. Elas melhoram a leitura e a dicção, ampliam o vocabulário, fortalecem a empatia ao propiciar o contato com personagens e histórias e fortalecem a autoconfiança ao ler e falar em público. Compreendemos que o poder da leitura vai além da decodificação de palavras; ela estimula o pensamento crítico, amplia horizontes e proporciona um mergulho em novas realidades, permitindo a compreensão de diferentes perspectivas.

Por isso, é essencial que professoras e professores criem, em seus espaços de trabalho, rituais de leitura que despertem o interesse e permitam discussões enriquecedoras. Devem incentivar diferentes formas de leitura (como leitura em voz alta, dramatizações e contações de histórias) e valorizar as escolhas dos alunos, permitindo-lhes escolher livros e compartilhar impressões. Mas, acima de tudo, é fundamental demonstrar entusiasmo pela leitura. Professores que não leem não ensinam o prazer pela leitura. Assim como a Professora Adiles deixou uma marca inesquecível, acreditamos que, como educadores/as, temos o poder de transformar vidas, fazendo da leitura um **ato acolhedor**, prazeroso e significativo. O conhecimento só se torna vivo quando é sentido e experimentado.

## Professora Ângela

Da terceira série primária (hoje, 3º ano do Fundamental I – Anos iniciais), vem a lembrança da professora Ângela, sempre muito dedicada e empenhada para que seus/suas alunos/as se aprofundassem nos fundamentos da escrita. Ela sempre incentivou muito a



expressão oral, levando, frequentemente, seus/suas alunos/as a um grande teatro que havia na escola e, lá, os/as ensinava a declamar poemas. Claro que os poemas da época, estamos falando do final da década de 1970, provavelmente eram poemas de exaltação à pátria ou poemas que fugiam dos problemas sociais... Afinal, era pleno momento de ditadura militar... Mas, mesmo assim, o próprio ato de incentivar a declamação teatral já era um ato de coragem, em um momento em que a cultura e a arte no Brasil “deveriam” ser deixadas de lado.

Com essa lembrança-exemplo da professora Ângela, aprendemos a importância de explorar a escrita e a oralidade, de trabalhar textos de forma integrada, de promover atividades que desenvolvam a leitura, a expressão oral, de criar espaços de recitação de poemas, de trechos de livros, dentre outros. O exemplo da professora Ângela nos mostra que a educação vai além dos livros e cadernos: ela também é uma jornada de descoberta do poder da comunicação. Professoras e professores que criam **ambientes acolhedores** transformam vidas e deixam impressões na alma de suas alunas, de seus alunos.

### **Professora Antonieta**

Na segunda série primária (2º ano do Fundamental I – Anos Iniciais), a professora Antonieta era preocupada em garantir que seus alunos aprendessem a escrever, a comunicarem-se oralmente, a fazerem as continhas básicas da matemática. Era dedicada ao ensino! Com ela, muitos aprenderam os fundamentos da escrita, dos signos matemáticos, das representações do tempo e do espaço.

Um momento marcante que vem à memória, é a de quando, em um final de ano, preocupada com uma aluna que não dominava ainda a escrita, foi até a sua casa conversar com a mãe, levando-lhe, de presente, um caderno de caligrafia, para que, durante as férias, praticasse a escrita e voltasse no próximo ano com essa aprendizagem garantida. Olhando hoje para esse momento, entendemos que a professora Antonieta optou pelo acolhimento dessa aluna, sendo um exemplo de sensibilidade e compromisso com a educação. Ao invés de reprová-la, visto que enfrentava dificuldades, optou por um caminho amoroso, de apoio e empatia. Esse gesto mostra como uma professora, um professor pode fazer a diferença na vida de alguém...

Esse exemplo nos lembra que ensinar é, antes de tudo, um **ato de acolhimento**, de boniteza, como dizia Paulo Freire (2023, p. 139), em *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*: “[...] ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Ao oferecer ajuda, acolhimento, ela não apenas melhorou a



escrita dessa aluna, mas mostrou que acolher e acreditar no potencial de alguém muda a história dessa pessoa.

## Professora Eloá

Por fim, a alegria da descoberta das letras, na primeira série (1º Ano do Fundamental I – Anos Iniciais), se deve a professora Eloá – que representa aqui tantas outras professoras alfabetizadoras! A professora Eloá, com muita certeza, desempenhou um papel fundamental na educação de seus alunos e alunas, afinal, a alfabetização bem feita abre portas para o conhecimento. Mais do que apenas ensinar a ler e a escrever, ela se preocupava genuinamente com todas e todos seus educandos/as, sempre criando um **ambiente acolhedor** e motivador.

Uma memória que nos vem, é a dos momentos em que ela usava, por exemplo, a poesia para o processo de alfabetização, tornando aquele aprendizado, talvez sem nem mesmo o saber, mais lúdico e significativo, permitindo que seus educandos e educandas não apenas aprendessem as palavras, mas também aprendessem a sentir a musicalidade, a expressão, indo muito além da decodificação de letras. A Professora Eloá compreendia, e compreende – pois ainda está ativa na profissão, que alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever, mas também formar mulheres e homens capazes de se expressar, criar e interpretar o mundo ao seu redor. Seu legado, em sala de aula, se traduz em um ensino humanizado, inspirador e acolhedor.

Todas essas professoras que mencionamos, e tantas outras e outros que poderiam aqui terem sido citados, *Corazonavam*. Elas não olharam seus alunos/alunas apenas como um número, mas como pessoas em inteireza, com histórias, sonhos e desafios. Hoje, mais do que nunca, precisamos desse olhar que se sintetiza no que chamamos de **acolhimento**. Acolher é compreender que cada criança traz consigo uma bagagem cultural, familiar e emocional. É reconhecer que o erro faz parte do processo de aprendizagem e que ninguém aprende sob pressão ou medo. É entender que o ensino só faz sentido quando toca o coração.

Desse modo, essas professoras não são apenas lembranças, pois suas práticas seguem vivas em seus ex-alunos/ex-alunas. Que possamos **acolher** em nossa prática, rompendo barreiras coloniais na educação e construindo um ensino baseado na escuta, no afeto, na valorização e no acolhimento de cada aluna, de cada aluno. Porque, ao final, não queremos ser apenas lembradas e lembrados... Queremos ser exemplos de acolhimento que transformam vidas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término, mas também início de outros estudos que faremos acerca do tema, entendemos que a experiência de educadores e educadoras que assumem a educação como um ato de amor e compromisso vai além da mera transmissão de conteúdos, tornando-se um exemplo de como a prática educativa pode e deve ser um espaço de transformação. As reflexões feitas nos mostraram que o *Corazonar*, que nos ampara no modo como aqui olhamos a educação – integrando razão e emoção – fortalece os vínculos entre educadores/as e educandos/as, criando um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e sensível às subjetividades.

Desse modo, pensamos que *Corazonar* pode ser o princípio para a prática pedagógica do acolhimento, pois ele permite que criemos um ambiente de aprendizado onde as subjetividades, histórias e vivências dos alunos e das alunas são respeitadas e valorizadas. Além disso, refletimos que essa abordagem desafia e supera modelos tradicionais excludentes, promovendo uma formação mais libertadora e humanizadora. Ao colocarmos o acolhimento no centro do processo educativo, construímos não apenas um espaço de aprendizagem, mas também um espaço de pertencimento e construção coletiva de saberes, rompendo com paradigmas que historicamente distanciaram ensino e afetividade.

Em sintonia com Freire (2023; 2024), sabemos que mudar é um desafio, mas é possível. Para que a mudança aconteça no campo educacional, é necessário que sejamos capazes de rever nossas práticas, de nos abrir ao diálogo e à escuta ativa, e de criar espaços que promovam a inclusão e o respeito pelas diversidades. O acolhimento e a valorização das subjetividades não são apenas princípios teóricos, mas práticas essenciais para a construção de uma educação verdadeiramente humanizadora e transformadora.

Portanto, com base nas contribuições de Freire, na perspectiva do *Corazonar* de Guerrero Arias, e nas narrativas-lembranças que trouxemos de professoras, concluímos que a prática pedagógica deve ser orientada por uma ética do cuidado, do acolhimento e do respeito mútuo. Somente em espaços educativos que promovam essas qualidades é que conseguiremos alcançar uma educação que forme cidadãos críticos, reflexivos e comprometidos com a transformação social. O desafio está lançado: transformar a educação por meio de uma prática docente que, como Freire nos ensina, seja sempre um ato de amor, diálogo e compromisso com a liberdade e a dignidade humana.



## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Glória E. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, ano 08, 1º semestre 2000, p. 229-236 (Texto originalmente redigido em 1980).

CANDIDO, A. Direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo, Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 77. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, P. **Professora, sim; tia não**. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. *In*: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUERRERO ARIAS, P. **Corazonar**. Una antropología comprometida con la vida. Miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización del poder, del saber y del ser. Quito-Ecuador: AbyaYala – Universidad Politécnica Salesiana, 2010.

